

CURRÍCULO E DIVERSIDADE: UM OLHAR CRÍTICO SOBRE A FORMAÇÃO EM PEDAGOGIA

CURRICULUM AND DIVERSITY: A CRITICAL LOOK AT ACADEMIC TRAINING IN PEDAGOGY COURSE

Saionara Souza Silva 1
Lúcia Gracia Ferreira 2

Resumo: Este trabalho teve por objetivo conhecer como a Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, campus de Itapetinga, vem formando o pedagogo para atender às diversidades encontradas no contexto educacional. Esta é uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório e de levantamento realizada com documentos e com 65 estudantes de Pedagogia que responderam o questionário proposto. O estudo mostrou que a formação docente atual não atende às diversidades encontradas em sala de aula, no que tange à identidade, alteridade, cultura, heterogeneidade, etnia, religião, deficiência entre outros, e que, portanto, a formação deve ser repensada para atender às demandas que a contemporaneidade suscita. Evidenciou ainda que, embora se fale nos documentos sobre a diversidade, esta não tem uma sólida relação teórico-prática, visto que a formação construída pelos alunos se mostra muito frágil para atender às diversidades existentes no contexto escolar. Devido à relevância e à necessidade de discussão desta temática, reconhecemos que a formação inicial e continuada devem estar calcadas nas questões contemporâneas.

Palavras-chave: Formação docente. Identidade. Complexidade na educação.

Abstract: The objective of this work was to understand how the State University of the Southwest of Bahia, campus of Itapetinga, has been training the pedagogue to attend the diversities found in the educational context. This is a qualitative research, with an exploratory character and a survey carried out with documents and 65 Pedagogy students who answered the questionnaire proposed. The study showed that the current teacher training does not meet the diversity found in the classroom, with regard to identity, otherness, culture, heterogeneity, ethnicity, religion, disability, among others, and that, therefore, training must be rethought to meet the demands that contemporaneity raises. It also evidenced that, although diversity is mentioned in the documents, it does not have a solid theoretical-practical relationship, since the training built by the students is very fragile to meet the existing diversities in the school context. Due to the relevance and the need to discuss this topic, we recognize that initial and continuing education must be based on contemporary issues.

Keywords: Teacher training. Identity. Complexity in education.

Graduada em Pedagogia, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8698258944311217>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2804-0595>. E-mail: sass.14@hotmail.com | 1

Doutora em Educação, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia e Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2208995326703695>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3655-9124>. E-mail: luciagferreira@ufrb.edu.br | 2

Introdução

No contexto escolar, as diferenças são expostas cotidianamente e isso implica em refletir sobre os variados tipos de formação ocorridos no decorrer dos tempos, visto que a educação deve atender à diversidade. Pensando sobre o processo de formação de pedagogos para a contemporaneidade, nos preocupou a pouca atenção dada à diversidade que, com certeza, encontramos/encontraremos tanto na sala de aula, quanto em todo contexto educacional. Dessa forma, destacamos a importância de uma formação inicial que propicie o diálogo com e sobre as diferenças existentes nos variados contextos. Para tanto, temos que pensar em diferenças de grupo como religiosa, étnica, de gênero, de deficiência, entre outras e diferenças individuais como a história de vida de cada aluno, o ritmo de aprendizagem, as preferências de cada um, entre outros, reconhecendo a heterogeneidade de uma sala de aula.

Assim, buscamos analisar como a Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia/UESB, no campus de Itapetinga/BA, vem formando o pedagogo para atender às diferenças encontradas no contexto escolar. Portanto, propomos um diálogo entre a proposta de formação do curso de Pedagogia da UESB (presente no Projeto Pedagógico do Curso/PPC) e a formação que é consolidada/construída pelos alunos do curso de graduação em Pedagogia.

A formação, neste estudo, vem sendo entendida como um processo que perpassa toda a vida. Esta foi de abordagem qualitativa, de caráter exploratório e de levantamento foi utilizado como instrumentos de coleta de dados a análise documental e questionários para alunos de Pedagogia. Os questionários foram utilizados com o objetivo de compreender a formação que o curso de Pedagogia da UESB proporciona aos alunos.

Quanto ao procedimento da análise documental, foi objeto da investigação o Projeto Pedagógico do Curso, que contém a política de formação do curso de Pedagogia da UESB, bem como suas ementas e currículo. Esse PPC foi analisado no período de agosto de 2013 a janeiro de 2014. A princípio foi solicitado ao Colegiado do Curso de Pedagogia do Campus de Itapetinga, o documento da Reforma Curricular do curso (referente ao novo Projeto Pedagógico do Curso) concluída em 2010. Realizamos uma primeira leitura desse documento para nos familiarizarmos e conhecer a proposta de formação, os objetivos, os princípios norteadores e outras características do curso. Em seguida, foram realizadas outras leituras mais pormenorizadas para uma análise mais aprofundada do documento. Com essas leituras, verificamos que o PPC contém 127 páginas e é dividido em vários subtítulos, tendo sido escrito pela Comissão da Reforma Curricular (composta por oito docentes e um discente). O PPC traz os seus princípios norteadores pautado nos Parâmetros Curriculares Nacionais e uma concepção de educação baseada nos conhecimentos de Paulo Freire, para uma educação emancipatória do sujeito.

Quanto aos questionários, estes foram respondidos por alunos do 5º, 6º, 7º e 8º semestres de Pedagogia, no segundo semestre do ano de 2013. Para tanto escolhemos os alunos dos últimos quatro semestres, porque coincidiam, no segundo semestre de 2013, serem alunos de dois semestres do currículo 01 (sétimo e oitavo semestres) e de dois semestres do currículo 02 (quinto e sexto semestres). Dessa maneira, pudemos comparar a formação que vinha sendo construída pelos alunos dos dois currículos (currículo 01 e 02). O currículo 01, refere-se ao currículo “antigo”, ou seja, aquele que estava findando e sendo substituído, vigente, nesse período, apenas para os alunos que ingressaram no ano de 2010, no primeiro e segundo semestre. O currículo 02, vigente desde o primeiro semestre do ano de 2011, trata-se do currículo “atual” que vem substituindo o antigo. Dessa forma, os dados foram coletados com alunos de duas turmas do currículo 01 e duas turmas do currículo 02.

O questionário foi respondido por 65 estudantes do curso de Pedagogia, sendo 13 pessoas do 5º semestre, 33 pessoas do 6º semestre, 13 pessoas do 7º e 5 pessoas do 8º semestre. Os questionários foram entregues durante as aulas, e ao passo que respondiam iam devolvendo. Porém, para a turma do 8º semestre entregamos o questionário e os alunos ficaram de devolver e, dos 36 questionários entregues, apenas cinco foram devolvidos. No questionário havia perguntas sobre o perfil (nome, idade, sexo, estado civil, etc.) dos alunos e mais doze questões abertas, as quais visavam conhecer as concepções dos alunos sobre diferença, diversidade e heterogeneidade, e se estas estavam presentes em sua sala de aula. Também foram questionados sobre a formação proporcionada pelo curso de Pedagogia da UESB.

Na análise dos questionários, optamos por categorizar as perguntas, pois segundo Bardin (2010, p. 145) “a categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação”. Portanto, separamos o questionário em três categorias: 1) perfil; 2)

concepções; e, 3) formação. A catalogação dessa forma possibilitou uma análise detalhada por categoria e uma discussão dos dados coletados. Esses dados ainda possibilitaram o confronto das respostas dos alunos com o referencial teórico que fundamentou este estudo e o próprio currículo da Instituição.

Formação e diversidade: fundamentos teóricos

Formação docente

Falar em formação docente implica em falar do sujeito que pensa para o futuro e refletir a respeito do significado de todo o processo educativo para os envolvidos, quer sejam alunos ou professores. Para tanto, é mister pensar nas complexidades envolvidas no contexto educacional e propor uma educação que leve em consideração o indivíduo com todas as suas particularidades.

Para que isso aconteça precisamos nos perguntar o que vem a ser a formação docente. Veiga (2008, p. 15) assegura que “A formação de professores constitui o ato de formar o docente, educar o futuro profissional para o exercício do magistério. Envolve uma ação a ser desenvolvida com alguém que vai desempenhar a tarefa de educar, de ensinar, de aprender, de pesquisar e de avaliar”.

Portanto, a formação docente é vista como um processo inacabado, pois embora tenha um início, perpassará por toda a vida, pois enquanto a pessoa viver ela estará aprendendo. Muitas são as funções do professor e a formação precisa dar conta de proporcionar, a este profissional, ferramentas para que ele, de fato, cumpra as suas tarefas. A autora afirma ainda que esta formação deve ser constituída pela prática, ser compatível com a realidade, e levar em conta as experiências e a coletividade.

A contemporaneidade é marcada por estas especificidades citadas acima e por outras mais, indicando que a formação inicial e continuada de professores precisa atender às necessidades do atual momento histórico. De fato, reconhecer que aprendemos desde o primeiro até o último dia de vida pode nos fazer valorizar os acontecimentos do cotidiano.

Segundo Larrosa (2002, p.21), “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece ou que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece”. Assim, ao invés de deixar que os dias passem como um dia qualquer de trabalho, podemos fazer com que “ele nos passem”, conduzindo as experiências. Portanto, pode-se pensar em experiências formativas, entendendo que a experiência é algo pessoal e intransferível, a qual acontece quando algo ‘nos’ toca em profundidade ‘nos’ fazendo refletir, agir e mais uma vez refletir em um processo inacabado.

Muitas pessoas passam pela formação e adquirem apenas a informação sem que esta o impulsiona a refletir, ou sem que ‘os’ toquem. No entanto quando se permitem experienciar o processo formativo, deixando serem tocados por ele, certamente, a formação será diferenciada, pois o indivíduo envolveu-se no processo de formação. Esta diferença está justamente na experiência, que que nos convida a:

[...] parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar, parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (LARROSA, 2002, p.19).

Este parar, mencionado acima pode proporcionar que a experiência aconteça, pois nos leva a olhar e sentir com mais intensidade o que acontece ao nosso redor. Muitas coisas acontecem durante todo o dia e em todos os dias, porém, nos parecem tão rotineiras que não as percebemos e não permitimos que estas coisas nos aconteçam e nos toquem.

No processo formativo não é diferente, muitas coisas acontecem neste período, mas o que de fato nos acontece e nos toca? Estas são as experiências. Estas experiências acontecem tanto na

academia quanto no próprio cotidiano fora da academia, quando o professor se permite aprender também pela sua prática educativa. Neste sentido o professor terá experiências formativas oriundas do seu fazer docente.

Embora a formação inicial deva fornecer alicerce e reflexões para o exercício da docência, estas discussões devem ser feitas não apenas na academia, mas também na base da escola com os professores que atuam em sala de aula, a fim de que as mudanças necessárias se façam reais.

Diversidade e heterogeneidade na educação

Quando se fala em diversidade, logo relacionamos a questão da etnia, porém este termo significa muito mais. O significado da palavra já denota variedade de aspectos e no contexto escolar esta variedade se multiplica. Portanto, na questão da diversidade não é apenas a etnia que se deve levar em consideração, e sim todos os aspectos do ser diferente, o que inclui entre outros, também a etnia. Neste caso, faz-se necessário entender o que vem a ser diferença, etnia e identidade, pois estes estão entrelaçados em uma rede significados, sempre se completando.

Segundo Woodward (2009, p. 09), “a diferença é sustentada pela exclusão”, sendo assim, diferença torna-se o oposto da semelhança. Neste sentido, a referência é sempre o outro, de forma que o autor faz uma relação entre diferença e identidade, afirmando que “a diferença é aquilo que separa a identidade da outra” (WOODWARD, 2009, p. 41). Nesse caso podemos perceber que a identidade e a diferença são classificatórias, pois estão sendo produzida sempre uma em relação à outra. Ao falar sobre identidade Silva (2009, p.75) argumenta que:

A afirmação “sou brasileiro”, na verdade, é parte de uma extensa cadeia de “negações”, de expressões negativas de identidade, de diferenças. Por trás da afirmação “sou brasileiro” deve-se ler: “não sou argentino”, “não sou chinês”, “não sou japonês” e assim por diante, numa cadeia, neste caso, quase interminável. Admitamos: ficaria muito complicado pronunciar todas essas frases negativas cada vez que eu quisesse fazer uma declaração sobre minha identidade.

A identidade é o que nos diferencia, estabelece quem somos e até quem não somos. O ser mulher, a religião, a maneira de arrumar o cabelo, de maquiar, de vestir, de falar, tudo está entrelaçado numa rede de significados identitários, até o que não foi dito numa cadeia de negações.

Sendo assim, identidade diz respeito a quem eu sou e diferença ao que os outros são, sendo independentes. Nesse sentido, a diferença faz parte da identidade, pois o que não nos identifica nos diferencia. Dessa forma, a minha identidade me faz ser diferente das outras pessoas que existem no mundo, do mesmo modo que as diferenças me identificam no meio das outras pessoas existentes, num processo contínuo.

Segundo Hall (2003, p.39) “[...] em vez de falarem identidade como uma coisa inacabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento”. Portanto, é na interação do sujeito com o outro que sua identidade é formada, sendo que este movimento é sempre contínuo e a identidade nunca está completamente acabada, está em processo de transformação.

Diante disso, percebemos que etnia faz parte da identidade como certifica Brandão (1986, p.110):

Estamos, pois, diante do suposto de que a identidade social, ou de uma de suas variantes, a identidade étnica, não são coisas dadas. Não são algo peculiar a um grupo social porque ele é naturalmente assim. Ao contrário, são construções, são realizações coletivas motivadas, impostas por alguma ou algumas razões extremas ou internas ao grupo, mas sempre e inequivocamente realizadas como um trabalho simbólico dele, em sua cultura e com a sua cultura.

Dessa forma, podemos falar em identidades étnicas e neste caso, a etnia ultrapassa o sentido de raça, pois tem caráter de pertencimento, mas também a abarca.

Nesse aspecto, também podemos incluir a heterogeneidade, visto que somos diferentes

uns dos outros, mesmo que tenhamos a mesma idade, estejamos na mesma série ou que sejamos parecidos com alguém, o ser humano é de natureza diversa e temos a individualidade que é só nossa. Segundo Rego (1995, p.88):

A heterogeneidade, característica presente em qualquer grupo humano, passa a ser vista com um fator imprescindível para as interações na sala de aula. Os diferentes ritmos, comportamentos, experiências, trajetórias pessoais, contextos familiares, valores e níveis de conhecimento de cada criança (e do professor) imprimem ao cotidiano escolar a possibilidade de troca, de repertórios, de visão de mundo, confrontos, ajuda mútua e consequente ampliação das capacidades individuais.

Todos têm a sua forma individual única de ver o mundo, e recomendamos que experimentem fazê-lo, aqui convidamos a realiza-la no ambiente escolar. O espaço escolar é um ambiente com diversidade de pensamentos e culturas, que devem ser entendidas e respeitadas.

A educação está intimamente ligada à cultura e aos seus processos históricos. Segundo Geertz (1989, p. 62):

Nossas ideias, nossos valores, nossos atos, até mesmo nossas emoções são, como nosso próprio sistema nervoso, produtos culturais – na verdade, produtos manufaturados a partir de tendências, capacidades e disposições com as quais nascemos, e, não obstante, manufaturados.

Sendo assim, a cultura tem o poder de influenciar na nossa identidade, pois quando nascemos já existe uma cultura estabelecida, em que teremos de nos adequar; caso tivéssemos nascidos em outra cultura, a nossa identidade se constituiria diferente. Cada povo tem as suas características e costumes diferentes, os quais devem ser conhecidos, entendidos e respeitados quando estes chegam à escola. Diante disso, os profissionais da educação devem estar preparados para estas manifestações existentes em sala de aula, pois não compete mais ser ignoradas no âmbito escolar as questões de diversidade.

Candau (2011, p.25) postula que:

Se a cultura escolar é, em geral, construída marcada pela homogeneização e por um caráter monocultural, invisibilizamos as diferenças, tendemos a apaga-las, são todos alunos, são todos iguais. No entanto a diferença é constitutiva da ação educativa. Está no “chão”, na base dos processos educativos, mas necessita ser identificada, revelada, valorizada. Trata-se de dilatar nossa capacidade de assumi-la e trabalhá-la.

Geralmente, os alunos considerados bons são aqueles que agem de acordo com as regras e ordens estabelecidas pela professora, os que se adequam ao seu método de ensino e até mesmo os que se parecem com a professora na vestimenta, etnia, condição social, religião, estética e em algum outro aspecto. Porém, os que se diferenciam desse padrão, muitas vezes, são considerados ruins e a estes são atribuídos os fatores das causas do fracasso escolar.

Segundo Moreira e Câmara (2011), geralmente são incluídas a “eu” e a “nós” pessoas ou grupos sociais com algumas características semelhantes aos nossos e “ele” e os “outros” são aqueles que confrontam com as nossas ideias. Portanto, ao ver o outro você percebe que é diferente porque o outro é diferente de você, de fato. Sendo assim, no contexto escolar o distanciamento físico e afetivo entre as diferentes identidades culturais tem provocado conflitos e dificultado o diálogo.

O ambiente escolar deve favorecer o conhecimento e o reconhecimento entre “nós” e os “outros”. Para tanto, torna-se necessário que sejam realizadas reflexões entre os professores sobre as diversidades na formação inicial e continuada, a fim de que se possa construir práticas pedagógicas voltadas para a construção da identidade na diferença, respeitando a etnia e a heterogeneidade do indivíduo. Para tanto, a reflexão sobre quem somos ou gostaríamos de ser e a que grupos queremos

nos aproximar ou pertencer se faz necessário, para identificar, conhecer e reconhecer identidade cultural do sujeito no processo educativo.

Geertz (1989, p.15) traz a importância da cultura para a identidade do indivíduo quando diz: “acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e sua análise”. Destarte, a cultura é construída ao se estabelecer relações com o “outro” e suas particularidades. Podemos dizer que estamos entrelaçados com as “teias de significados” que tecemos ao longo da vida, as quais constroem a nossa identidade cultural.

Quando nascemos, já existe várias culturas concomitantes que nos diz como devemos nos comportar e isso nos toma de uma forma tão particular que pensamos que é assim que as coisas deveriam ser e muitas vezes vemos a cultura do “outro” como errada e estranha. Sendo assim, quando nos sentamos, compramos objetos pessoais, vestimos, comemos, é quando assumimos, então, sem perceber muitos outros aspectos da nossa cultura.

Segundo Moreira (2002) o caráter plural em que se encontra a sociedade ocidental contemporânea é uma condição inescapável do mundo atual. Essa diversidade existente, muitas vezes, provoca a separação entre os próprios grupos que se mostram diferentes. Nesses casos, as mulheres falam sobre agressões sofridas, os negros sobre os preconceitos que vêm sendo vítimas no decorrer da história, os homossexuais expressam sobre os ataques que sofrem, sejam eles verbais ou físicos. Neste contexto, as diferenças passam a ser conflituosas, podendo causar o não atendimento das diferenças e até mesmo provocar a discriminação.

De fato, para Geertz (1989 p. 24), “compreender a cultura de um povo expõe sua normalidade sem reduzir sua particularidade”. Muitas vezes, o que parece ser diferente para uns pode ser absolutamente normal para outros, o que nos choca, pode passar despercebidos para outras culturas. Ainda assim, cada povo e cada ser é único e diverso, ao mesmo tempo. É único, no sentido de não existir ninguém absolutamente igual, e diverso porque o indivíduo ou um grupo têm características próprias que os identificam e os diferenciam.

As questões sobre diversidade, heterogeneidade e formação devem ser aprofundadas para ser entendidas. É na formação que questões sobre diversidades deveriam ser discutidas, pois o pedagogo também estará atuando na base da educação, com crianças de todas as idades, momento em que o indivíduo em formação, está construindo suas concepções sobre eu e o outro.

Currículo e Formação: diálogos possíveis com a diversidade

Alguns embates que transparecem no PPC de pedagogia

Ao analisar o PPC do curso de Licenciatura em Pedagogia, da UESB, Itapetinga percebemos que os seus princípios norteadores sugerem uma articulação entre teoria e prática, tendo a pesquisa como princípio educativo, entre outros aspectos. Assim sendo, diante das complexidades existentes, o pedagogo poderá identificar problemas socioculturais e educacionais contribuindo para a superação de diversos tipos de exclusões.

No que diz respeito às questões legais, o PPC está calcado nas Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei 9.394 de 1996, propondo habilitar o professor a compreender o processo de ensino-aprendizagem, no que refere à prática escolar, pois esta lei estabelece orientações para a formação do professor da educação básica. Igualmente, baseada nos Parâmetros Curriculares Nacionais (Resolução NE/CP nº 01 de 15/05/2006), a UESB-Itapetinga define a atuação do pedagogo tendo como base a docência, podendo atuar na educação infantil, nos anos iniciais do ensino fundamental, na educação especial, na educação de jovens e adultos, na educação do campo, na gestão educacional, no apoio pedagógico, nas disciplinas pedagógicas para a formação de professores da educação básica e avaliação.

O PPC vem tratar sobre o currículo, sua história e importância na formação, deixando claro que a proposta prima por um currículo que leva em conta as complexidades da prática educativa, considerando o aluno em sua totalidade. Sendo assim, a ideia de currículo funda-se na fenomenologia, propiciando uma experiência reflexiva a partir do outro, para conhecer a si mesmo e ao outro. Nessa perspectiva, o educador passa a ter o papel de mediador entre o conhecimento e o aluno, por assumir uma postura problematizadora, e o discente colaborará com a construção

do próprio saber.

No PPC do curso de Pedagogia da UESB de Itapetinga, há a pretensão de formar educadores inovadores que praticam e reflitam sobre sua prática, sendo esta articulada com a teoria aprendida no decorrer do curso (e de outros modos). Para tanto, propõe-se uma formação plena, fundamentada nos princípios de igualdade de oportunidade, no desenvolvimento humano, compreensão sociocultural, no respeito às diferenças, entre outros, com o intuito de romper com a fragmentação do ensino, transformando a realidade em que se insere.

Esse novo PPC, tem em seu conteúdo uma proposição crítica, baseada em Paulo Freire (1996) que segundo Bezerra (2010, p.29), em pesquisa anteriormente realizada, que teve como foco a análise desse mesmo documento:

Percebemos nessa proposta, o anúncio de que este discurso crítico encontra respaldo em Paulo Freire (1996). Para este autor, ensinar exige, entre outros, criticidade, formação estética e ética, aceitação do novo e rejeição à discriminação, reflexão crítica sobre a prática e tolerância.

Embora o PPC não explicita que esteja baseado no discurso freiriano, no decorrer da leitura percebe-se a evidência do discurso desse autor, apontando que os elaboradores do documento da reforma partilham desse pensamento.

É exposto no PPC o desejo de se formar educadores numa perspectiva multirreferencial, porém não se percebe fundamentos desta abordagem no decorrer da leitura do PPC. Sobre esta abordagem Nogueira (2012, p.48) afirma que:

A abordagem multirreferencial propõe-se a uma leitura plural de seus objetos (práticos e teóricos), sobre diferentes enfoques, ângulos, perspectivas ou pontos de vista, em função de sistemas de referência distintos, heterogêneos e não redutíveis uns aos outros.

A perspectiva multirreferencial leva em consideração as complexidades envolvidas no contexto educacional, analisando-o por vários ângulos, pontos de vista e perspectivas, superando a fragmentação do ensino. Para tanto, o objeto de estudo torna-se suscetível de entendimentos e tratamentos múltiplos e complexos. Para formar o professor na perspectiva da abordagem multirreferencial, se faz necessário entender sobre o pensamento complexo e a suas influências na educação e esta deve perpassar as disciplinas do currículo. Sobre a complexidade, Morin (2012, p.564) afirma que:

Num primeiro sentido, a palavra complexus significa “o que está ligado, o que está tecido”. É esse sentido que é preciso conceber. Mas quando vimos as inúmeras interações que se fazem entre as células de nosso corpo e, no interior delas, entre as moléculas é evidente que não se pode ter nenhuma certeza sobre o que se passa localmente neste ou naquele ponto. A complexidade, portanto, devido justamente a essas interações, a essas retroações que ela contém...repousa ao mesmo tempo sobre o caráter de “tecido” e sobre a incerteza.

Vivemos numa rede de significados em que os imprevistos são constantes e devem ser considerados ao planejar as práticas pedagógicas. Dessa forma, entendemos que o passado pode ser estudado e analisado muitas vezes em detalhes, o presente está acontecendo neste momento, porém o futuro ainda vai acontecer e não temos controle sobre ele, pois é complexo. As aulas são planejadas para acontecer no futuro, portanto ainda não existem, é algo tecido sobre a incerteza. Neste caso, podemos incluir a heterogeneidade, a identidade, a diversidade, a etnia e a cultura como parte da complexidade, a qual é ampla e cheia de tecidos, teias ou significados. Neste âmbito, as questões sobre diversidades são referenciadas nas ementas das disciplinas como contempladas no quadro 01 abaixo:

Quadro 01: Ementa das disciplinas que estão relacionadas à diversidade

Disciplinas	Ementas
ANTROPOLOGIA	Formação no campo antropológico. Sociedade brasileira: debates concernentes à diversidade étnico-cultural; narrativas sobre identidades no Brasil.
CURRÍCULOS	Teoria curricular. Currículo como sistema complexo e multirreferencial, de organização do conhecimento e formação de sujeitos críticos e instituintes.
DIDÁTICA I	Professores (as) e alunos (as) como sujeitos socioculturais. Cotidiano escolar: dimensões e processos. A sala de aula: sentidos e dinâmicas.
DIDÁTICA II	Relação aluno-professor, ação do educador e aprendizagem, Multidimensionalidade do processo transmissão/assimilação/ produção do conhecimento.
EDUCAÇÃO E SOCIEDADE	As relações entre as teorias sociológicas e paradigmas educacionais. Conexões entre processos culturais, desigualdades sociais e a escola.
EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSÃO	A construção social do estigma que cerca o indivíduo ☐ preconceitos, estereótipos e segregação. Fatores culturais, econômicos, ideológicos, determinantes na Educação Inclusiva. O direito à diferença. A escola e a reprodução das diferenças.
EDUCAÇÃO E RELAÇÃO ÉTNICO-RACIAL	Raça, etnia e cultura. Relações étnico-raciais: políticas públicas, diversidade, pluralidade, identidade e respeito à diferença. Discriminação, Preconceitos, Intolerância e Desigualdade Social.
EDUCAÇÃO GÊNERO E SEXUALIDADE	As relações entre gênero como construção cultural.
ESTÁGIO II - ENSINO FUNDAMENTAL (séries iniciais, populações diferenciadas)	Práticas e Estágio Supervisionado: vivências com a diferença, diversidade, pluralidade cultural, social e humana.
FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO	O papel da Filosofia na formação do educador. O homem como ser histórico, a educação e a transformação social.
PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO II	Aspectos Gerais do Processo Ensino-Aprendizagem. Teorias da Aprendizagem. Dificuldades de aprendizagem nos anos iniciais do ensino fundamental.
SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO II	Aprofundamento das teorias sociológicas e análise crítica das práticas educativas atuais, dando ênfase à realidade brasileira.

Fonte: Dados da pesquisa.

Tais disciplinas tratam da diversidade em seus aspectos particulares. Por exemplo, a disciplina de “Educação Especial e Inclusão” trata de diversidades específicas referente as pessoas com necessidades especiais e a perspectiva inclusiva; a disciplina de “Educação e Relação Étnico-Racial” trata das diversidades relacionadas à raça.

Nesse sentido, pouco se fala sobre a questão da identidade, e nada se fala ou cita sobre a heterogeneidade, sendo estas necessárias para se refletir sobre as diversidades. Para se conhecer a diversidade, temos que entender o que vem a ser a identidade. Segundo Nascimento (2003), etimologicamente identidade vem do latim idem, “o mesmo”, que evolui, posteriormente, para identitas, “aquilo que, apesar das pressões de transformação interna e externa, permanece único, idêntico a si mesmo”.

Esclarecer, então, questões sobre identidade torna-se necessário para reflexão a respeito da diferença, da etnia, da raça, da heterogeneidade, da cultura e de muitos outros aspectos da diversidade. Diante do exposto, constatamos que o currículo aqui analisado pouco contribui para propor uma formação voltada para atender às diversidades existentes em sala de aula e embora o texto seja pautado numa postura multiculturalista, esta não perpassa pelas ementas das disciplinas.

Ao falar sobre diversidade, o texto mostra uma evidência multicultural, propondo a reivindicação, direito, convivência e diálogo com as diferenças. Nele também é mencionada a necessidade de se trabalhar com a comunidade escolar as diferenças encontradas no contexto

institucional. A diversidade é citada como último princípio norteador o qual informa que é preciso ter consciência e respeito às diferenças, de modo que o pedagogo seja apto a valorizar as diferentes manifestações culturais. Porém, uma postura multiculturalista não é suficiente para resolver um problema de dominação cultural historicamente construído, através dos séculos. Nessa perspectiva multicultural, Silva (2009, p. 73) afirma que:

Em geral o chamado “multiculturalismo” apóia-se em um vago e benevolente apelo à tolerância e ao respeito para com a diversidade e a diferença. É particularmente problemática, nessas perspectivas, a idéia de diversidade. Parece difícil que uma perspectiva a proclamar a *existência* da diversidade possa servir de base de uma pedagogia que coloque no seu centro a crítica política da identidade e da diferença. Na perspectiva da diversidade, a diferença e a identidade tendem a ser naturalizadas, cristalizadas, essencializadas (grifo do autor).

Apenas respeitar e dialogar não são suficientes para a formação crítica preconizada pelo PPC. Existem muitos fatores que envolvem o significado da diferença, de forma que se deve aprofundar em um estudo maior sobre essas questões.

Para entender as diferenças, é preciso conhecer o que vem a ser identidade, pois ambas estão entrelaçadas e são dependentes uma da outra. Sendo a identidade construída durante a nossa vida e a influência do outro é importante nesse processo, o educador precisa ter um olhar crítico sobre essa problemática (da diversidade) encontrada na sala de aula. As diversidades encontradas em sala de aula são muitas, porém o PPC não vem abordar dessa questão de modo a produzir ressonâncias na formação dos professores. É necessário conhecer, reconhecer e estar preparado para atender às questões da diferença, heterogeneidade e diversidade e muitos outros aspectos que acontecem no cotidiano escolar.

Diversidade e formação docente na UESB

As categorias aqui discutidas se referem aos dados do questionário respondido por alunos dos quatro últimos semestres de Pedagogia, sendo dois do currículo 01 e dois do currículo 02. O questionário foi dividido em três categorias, sendo perfil, concepções e formação.

Sobre o Perfil

O perfil dos estudantes de Pedagogia que devolveram ao questionário está exposto no quadro abaixo.

Quadro 02 - Perfil dos participantes

ANO DE NASCIMENTO	1964	1968	1969	1971	1972	1974	1975	1976	1977	1978
	02	02	01	01	01	02	01	01	02	01
	1979	1980	1982	1983	1984	1985	1986	1987	1988	1989
	01	01	03	04	03	06	03	03	01	03
	1990	1991	1992	1993	NR	SEXO	FEMININO		MASCULINO	
05	01	03	07	07	55		10			
NATURALIDADE	ITAPETINGA	VITORIA DA CONQUISTA	ILHÉUS	ITAMBÉ	ITARANTIM	ITABUNA	CASTRO ALVES			
	42	05	02	01	01	01	01			
	MACARANI	MAIQUINIQUE	IBICARAÍ	ITORORÓ	CAMAÇARI	RECIFE				
	02	01	01	06	01	01				
ENDEREÇO	ITAPETINGA		ITORORO	ITARANTIM	MACARANI	MAIQUINIQUE				
	54		07	01	02	01				
ESTADO CIVIL	SOLTEIRO(A)		CASADO(A)	UNIÃO ESTAVÉL		DIVORCIADO(A)				
	41		21	01		02				
FILHOS	NAO	SIM	01	02	03	04				
	46	18	08	05	04	01				

REGULARIDADE NO CURSO	NÃO	SIM	TRABALHO	NÃO	SIM	COM EDUCAÇÃO	EM OUTRA ÁREA
	04	61		21	44	12	32

Fonte: Dados da pesquisa.

Assim, conforme exposto no quadro acima, a idade dos alunos varia de 20 a 49 anos, sendo que a maioria são mulheres, solteiros (as) e não tem filhos. Chama a atenção o fato de a maioria dos estudantes ser mulheres, levando a refletir sobre a feminização do magistério. Segundo Demartini e Antunes (2002), ensinar se apresentou como uma das poucas oportunidades da mulher ingressar no mercado de trabalho no Brasil Império, visto que apenas o homem podia ir para a escola estudar, muitas vezes era negada à mulher até mesmo aprender a ler e escrever. Isso veio a mudar, quando a partir do final do século XIX o magistério passou a ser visto como profissão exclusiva das mulheres, pelo fato de serem mães e poderem demonstrar o espírito materno com os alunos e socializar isso. O baixo salário, também, foi outro fator que fez com que diminuísse a quantidade de homens na profissão.

Junto com a conquista de ensinar, veio a imagem de que a docência era uma profissão feminina e, portanto, de segundo nível, ou complementar, de modo que deveria ser feito por amor, sem cobrar muito por isto. Devido ao preconceito, os homens que ingressavam na profissão, fazendo o mesmo trabalho que as mulheres, ganhavam bem mais que elas. (DEMARTINI; ANTUNES, 2002).

Quanto ao perfil exposto, embora a maioria seja nativa e residente do/no município de Itapetinga, existe uma clientela oriunda principalmente da microrregião deste município e também de outras regiões do estado da Bahia e até de fora dele. Deste percentual de 65 estudantes de Pedagogia, apenas 12 trabalham com educação e a grande maioria está regular no curso.

Sobre as Concepções

As discussões sobre as concepções foram realizadas por currículo, conforme quadro abaixo.

Quadro 3: Concepções dos estudantes sobre as temáticas pesquisadas

Eixo	Currículo 01	Currículo 02
A	Várias culturas num mesmo espaço (raça, estilos, cultural, hábito, modo de vida)/ união de costume/ pluralidade/ conhecimento variado/ diferenças entre sujeitos/ várias ideias sobre um único assunto/ múltiplo/comunhão de valores/ atitudes.	Variedade de ideias/ diferença (cultura, raça, religião, gênero, profissão)/ variedade/ múltiplo/ diferença/ identidade/ pluralidade/ culturas diferentes/ múltiplas faces/ diversificado/ características diferentes dentro de um contexto/ comunhão de valores e atitudes/ mistura conjunto e características culturais e pessoais/ várias possibilidades de ser/particularidades presentes no indivíduo ou grupo social.
B	Diversidade cultural, desigualdade, contrário de semelhança, o que distingue uma coisa da outra, pluralidade, contrários.	Tudo que não é igual, pensamento e opções diferentes, comparação, singularidade, contrário de semelhança, individualidade, diverso, características diferentes do padrão, o que especifica cada pessoa, variedade de qualidades, especificidades, exclusão do não convencional, relação do indivíduo quanto ao gênero, conjunto de diferentes raças (identidades) e diversidade cultural.
C	São pessoas diferentes num mesmo espaço, aquilo que não se mistura, mistura, diferentes características dos indivíduos, variedade, partes distintas, único.	Diferença, o que não se mistura (raça, cultura, religião, etnia, etc.), o que é diferente do outro, individualidade, igual, mistura de raças, o que não é igual, diversidade, desigualdade, igualdade, variedade, particularidade, quando a exclusão e a inclusão estão juntas, unidade de um todo, igualdade de pensamento, diferença de gênero.

D	Sala com várias classes sociais e étnicas/ diferença/ respeito/ aceitação/ diversos pensamentos/ momentos e forma de cada um expressar a opinião/ vários saberes/ contexto histórico e individual/ formas de aprendizagem.	Diversidade de pensamento e cultura/ pessoas distintas/ variadas formas de identidade presentes na sala/ mistura/ diversidade/ respeito ao próximo/ individualidade/ em realidades de pensamento/ nas diferentes culturas/ nas divergências que se interagem e dialogam em sala de aula/ nas diferenças de comportamento/ singularidade do aluno/ particularidade diferentes/ personalidade ou características que fogem ao conhecimento do professor/ a bagagem que cada um possui/ a heterogeneidade/ várias cabeças pensado ao seu modo individual/ diferentes opiniões/ diferentes aprendizado.
E	Sim/ mas não se encontra estas temáticas nas escolas/ sim, pois isso é inerente ao ser humano/ sim, mas não são trabalhadas/ sim em todos os momentos/ sim na pluralidade/ sim, pois há várias culturas no mesmo lugar/ sim, pois os pensamentos e comportamentos são diferentes.	Às vezes sim/ sim, se manifestando de diversas formas/ sim, pois a sociedade faz distinção entre as pessoas/ sim, pois temos individualidade/ à diversidade sim e a heterogeneidade em partes/ sim, respondendo aos estímulos de forma diferente/ sim, pois as pessoas são diferentes em escolhas e caráter/ sim, pois vivemos num país multicultural.

Fonte: Dados da pesquisa.

A análise das concepções nos possibilitou conhecer o que os alunos sabiam sobre diversidade, diferença e heterogeneidade e se estes aspectos estavam presentes em sala de aula. Sobre diversidade (eixo A do quadro 3) as respostas mostraram que os alunos têm noção do que seja diversidade e relaciona isso com a diferença, o múltiplo, a variedade. As respostas dadas estão sempre no plural, denotando a ideia de variedade.

Sobre a temática das diferenças (eixo B do quadro 3), as respostas mostraram que eles têm a noção do que seja e mostram isso ao tratar a diferença como o contrário do outro ou como especificidade, porém eles não conseguiram distinguir a diferença da diversidade e falam como se tivessem o mesmo significado. A diferença é ampla, porém ao relacioná-la apenas com a questão de gênero, o termo se limita evidenciando um pensamento reducionista.

As análises também mostraram que os alunos relacionam a diferença com a identidade. Nesse sentido, ao trabalhar com a diferença, tem que também trabalhar com a identidade, pois ambas são intrínsecas. Portanto, a diferença pode ser relacionada com gênero, raça, etnia, deficiência entre outros, e apontar apenas um desses aspectos é reduzir o termo.

Sobre heterogeneidade (eixo C do quadro 3), as respostas mostram que os dois currículos são muito parecidos sobre o entendimento do termo. Pode-se notar que muitos não conhecem o significado da palavra, quando remetem a ideia de 'igualdade de pensamento, único, não se mistura', outros ainda reduzem o termo, quando dizem ser uma mistura de raças.

Neste sentido, alguns disseram que a heterogeneidade se refere a 'unidade de um todo'. A heterogeneidade diz respeito à mistura, ao diverso, sendo esse o contrário de homogêneo, que justamente parte do princípio de igualdade.

Quanto a ideia das diferenças estarem presentes em sala de aula (eixo D do quadro 3), as respostas dos alunos mostraram que eles não sabiam diferenciar os termos diversidade, diferença e heterogeneidade, e, portanto, ficaram confusos ao falar sobre isto em sala de aula, tornando as respostas sempre parecidas. Sendo assim, algumas respostas fazem sentido e outras parecem que eles estão falando sobre outro assunto.

No que se refere à diversidade e à heterogeneidade em sala de aula estarem ou não presentes (eixo E do quadro 3), os dados mostraram que alguns alunos interpretaram a pergunta em forma de assunto, como se este assunto não fosse trabalhado na sala e fizesse parte do currículo. Porém, não foi essa a intensão da pergunta, na verdade a intensão era saber se no contexto eles conseguiam perceber a diversidade, a heterogeneidade e a diferença existentes em sala de aula.

Porém, outros mostraram que entenderam a pergunta, isso foi perceptível quando falaram do aspecto multicultural, heterogêneo, plural entre outros. Podemos acrescentar que as respostas em todas as perguntas foram parecidas, denotando que embora eles tenham noção do que vêm a ser estes termos, não conseguem diferenciar com clareza um do outro.

Segundo Canclini (2008), vivemos numa cultura híbrida com mistura de várias culturas. Nesse sentido, ao mesmo tempo em que sou um, posso ser vários, ou ao mesmo tempo em que sou mulher, posso ser mãe, esposa, filha, professora e tudo isso se mistura numa pessoa só. Portanto, identidade, cultura, diversidade, heterogeneidade, diferença, etnia e outros termos não podem ficar reduzidos a conceitos fechados, pois são muito mais que isso.

Sobre a Formação

Uma das necessidades é atender às diversidades encontradas na sala de aula, para tanto se torna preciso conhecer a formação que está sendo construída pelos estudantes de Pedagogia.

Quadro 4: Perspectiva dos estudantes sobre a formação recebida

Eixo	Currículo 01	Currículo 02
A	Precisa melhorar/ vago/ nada a ver com o idealizado/ precisa unir teoria e prática/ agradável e rica/ positiva/ uma aprendizagem a mais/ nos mostra o caminho para que escolhamos o que fazer/ gratificante.	Nem tudo que diz a teoria se aplica na realidade escolar/ carente, diferente da prática/ regular/ superficial/ fragmentada/distância entre teoria e prática/incompleta/ insatisfatória/ adquirindo muito conhecimento e experiência/ boa/ ótima por causa do PIBID/ tranquila/ transformando meus conceitos/ normal/ produtiva.
B	Não/ parcialmente/ precisamos de formação continuada/ sim, pois já tinha a prática.	Sim/ em parte/tem mostrado o caminho/sim, pois mudou meu modo de pensar sobre a docência/ não/ deixaram a desejar/na teoria sim/ de forma fragmentada/ sim, pois a teoria não condiz com a prática/ sim, pois me possibilita compreender as implicações de ser um docente/ sim, de forma incompleta/ a gente se adequa as situações/ este conhecimento só adquirimos na prática.
C	Não/ sim/ teoricamente sim/ em parte, pois sinto meu ensino fragmentado/ no estágio sim/ sim, pois já tinha a prática/ tenho que buscar algo a mais/ sim no conhecimento de mundo e no PIBID.	Até o 5º semestre não, porque era só teoria, mas a partir do 6º semestre com estágio melhorou/ não/ não, pois estou sendo formada para executar projetos/ só na teoria e na fantasia/ não, pois a formação é fragmentada/ embora seja um dos objetivos do curso, isso se perde no caminho/ não porque a teoria é muito diferente da prática/ depende de cada um/ não a universidade não prepara para a prática/ muito pouco, voltado para alunos com deficiência/ sim, através do PIBID.
D	Acho-me com maior esclarecimento/ estas temáticas são citadas na academia e não debatidas/ a formação não capacita para tudo isso/ apenas teoricamente/ um pouco/ sim/ não.	Sim/ um pouco/ não/ não, pois o curso não abarca na sua totalidade todos os conceitos/ não, pois a teoria é uma coisa e a prática é outra.
E	Superficialmente no curso/ esta temática não é apresentada no curso/ em outros estudos extracurriculares/ na experiência de vida/ no curso de Pedagogia e em outros espaços/ na sala de aula que atuo.	No conhecimento de mundo e aprimorado na universidade/ no curso de Pedagogia/ no grupo de estudo/ no contexto educacional e social/ no PIBID/ superficialmente no curso de Pedagogia.

Fonte: Dados da pesquisa.

A respeito de como vem se dando a formação docente e se as disciplinas cursadas estão sendo ofertadas e esplanadas, possibilitando conhecer as complexidades que esta ação implica (eixo A do quadro 4), o posicionamento dos estudantes foi superficial, quer para dar uma resposta positiva ou negativa, pois embora criticassem ou elogiassem o curso, não deixaram os motivos destes comentários. As respostas dadas poderiam ser transformadas em questionamentos a fim de descobrir os fundamentos nelas atribuídos.

Portanto, a formação está sendo normal, produtiva e tranquila comparada a quê? Quais conhecimentos e experiências foram adquiridos? Que conceitos foram transformados? Foi incompleta, superficial, fragmentada em que sentido? Como pode uma formação acadêmica ser apenas um aprendizado a mais? Em quais aspectos a formação está sendo agradável, positiva e rica, e estas coisas são suficientes? Essas se transformaram em nossas inquietações diante de uma profissão tão importante, que é ser professor.

Alguns expressaram que a prática e a teoria estão separadas, especialmente no currículo 02. Esse currículo veio justamente para superar a formação anterior propondo formar um professor reflexivo, unindo teoria e prática, porém as respostas dos alunos mostraram que na prática, isso não acontece. Portanto, os professores da universidade também vêm separando a teoria da prática, cumprindo seu papel na teoria, no que diz a ementa, mas no fazer docente deixam a desejar.

Ainda uma das respostas das pessoas questionadas foi que o curso era bom por ela estar participando do PIBID, como se a formação se resumisse apenas à participação em programas e projetos, sendo que é muito mais que isso. Com certeza a participação no PIBID e em outros programas enriquece tanto o currículo quanto o conhecimento, mas não pode ser atribuído a esses como 'causa de formação', pois estes programas se constituem formação continuada.

Sobre estar sendo formado para atuar numa sala de aula, tendo em vista a complexidade que isso implica (eixo B do quadro 4), foi perceptível que as respostas foram parecidas com a primeira (eixo A), porém, o que nos chamou atenção foi o fato de alguns discentes mencionarem que precisarão de formação continuada, mostrando que sua formação foi considerada insuficiente. Segundo Franco (2012) a formação é um processo inacabado, logo continuarão a busca-lo durante toda a vida. Nesse sentido, alguns não sabem o que é esta formação continuada, não reconhecem os programas oferecidos pela própria universidade como fazendo parte dessa formação continuada.

Em algumas falas, os estudantes atribuem a formação ao fato de estarem atuando em sala de aula, mostrando que aprendem mais na prática do que na formação acadêmica. Nesse caso, a formação docente está sendo vista como uma formação complementar aos conhecimentos já adquiridos na prática, visto que a universidade não dá conta de promover perspectivas de aquisição de conhecimento sobre diversidade. Porém, ao dizerem que o conhecimento sobre a diversidade 'só' se adquire na prática, sobrepondo esta a teoria, apenas confirmaram mais uma vez a dicotomia entre teoria e prática na formação docente.

No currículo 01, as respostas mostraram-se todas negativas, então para esses alunos (as) a formação que estavam recebendo não atendia às complexidades existentes em sala de aula.

Sobre as dificuldades que fazem parte do contexto escolar, no que concernem as diferenças e a oferta desta no processo formativo (eixo C do quadro 4) alguns apontaram que apenas teoricamente o curso cumpre essa função; outros afirmaram que apenas no estágio isso é possível, mostrando que para eles a prática se sobressai à teoria. Houve ainda quem dissesse que por ter a prática eles conseguiram adquirir esse conhecimento, denotando que para quem não tem a prática isso torna-se mais complicado. Também houve que dissesse ter conhecimento sobre diversidade, que não é adquirido na universidade.

Ao atribuir que este conhecimento não foi adquirido até o quinto semestre, apenas a partir daí, aponta indícios de uma fragmentação, pois o curso começa no primeiro semestre e não no sexto, com a prática. Ao remeter a formação para execução de projetos, reduz curso a "formar" reprodutores de projetos, sendo que a formação docente é muito mais que isso. Quando as dificuldades são atribuídas apenas para as deficiências, reduz mais uma vez o termo, pois dificuldades é muito mais amplo.

Mais uma vez as respostas mostraram uma dicotomia entre teoria e prática, em que alguns deixaram claro que a partir da prática a formação melhorou, sendo que a universidade não prepara o pedagogo para atuar em sala de aula. O modelo de formação que o novo currículo propõe é da

epistemologia, o qual pretende proporcionar essa união entre teoria e prática, porém, aos olhos dos alunos, essa união ficou apenas na teoria. Neste sentido, as falas se mostraram insatisfeitas com a formação que está sendo oferecida no sentido de atuação em sala de aula.

Visto que no contexto educativo, existe diversidade de gênero, religião, etnia, deficiência, heterogeneidade e muitas outras. Desta forma, os alunos foram convidados a opinarem se com a formação recebida se sentiam capazes de atender a estas questões existentes no contexto educativo ou não (eixo D do quadro 4). Nesse sentido, foi explicitado que a universidade não dá conta de abarcar tudo isso na formação inicial, porém Silva (2009) afirma que as questões sobre a identidade e diversidade se fazem necessário desde a formação inicial.

Muitos desses discentes fazem parte de Programas como:

PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência)/ grupos de estudo/ monitorias/ bolsista de iniciação a docência/ estagiários/ grupos de pesquisa/ na Ludoteca.

As respostas acima mostram que alguns têm uma formação diferenciada por fazer parte de atividades extracurriculares. Dos 65 pesquisados, 29 fazem parte de atividades acadêmicas extracurriculares, sendo esse um número expressivo de pessoas. Tendo em vista as respostas anteriores, as atividades extracurriculares também não têm dado conta de trabalhar a diversidade, tema tão atual e necessário para propor uma formação para a diferença.

A respeito de onde foi aprendido o conhecimento sobre diferença, diversidade e heterogeneidade (eixo E do quadro 4), as manifestações mostraram que muitos foram os lugares em que se mostraram o aprendizado sobre diversidade, diferença e heterogeneidade, tanto na formação acadêmica quanto fora dela. Quando falado que foi superficialmente no curso ou em outros espaços, nos mostra que a formação oferecida pela universidade não atende a essa temática.

Dos 65 alunos pesquisados, apenas 15 consideram a formação boa ou satisfatória, o restante disse que a formação é insatisfatória, que separa a teoria da prática; que teoricamente é boa, mas quando parte para a prática deixa a desejar; entres outras falas. As respostas vêm mostrando muita insatisfação com a formação para a diversidade oferecida pela UESB, tanto no primeiro quanto no segundo currículo. O PPC reformulado frisa que pretende formar professores que tenham uma visão reflexiva unindo teoria e prática, sendo que esta se mostra também ser um almejo dos estudantes de Pedagogia. Nesse sentido, a reforma curricular ainda não conseguiu atender sua pretensão nesse aspecto.

Segundo Pinto (2010, p. 113)

[...] não se constrói uma prática profissional, nesse caso, pedagógica, sem que haja fundamentação teórica explícita ou não. A ação pedagógica pode até começar pelo espontaneísmo, mas logo se impõe a necessidade de refletirmos sobre essa ação e já estaria nesse fator uma mola propulsora para uma formulação teórica.

Nesse sentido, o estudante poderá ser levado a entender que não existe prática sem teoria, ou teoria sem prática. Quando se brinca, se conta história, se ouve história, faz ditado, exercita a escrita ou a leitura com o objetivo de ensinar e mediar o conhecimento existe uma teoria por traz dessas ações e, portanto, se utiliza os conhecimentos pedagógicos. Conhecer, entender e aplicar as teorias faz parte do cotidiano escolar, sendo inseparáveis e muitas vezes os profissionais da educação não percebem isso.

Formar para atender à diversidade implica proporcionar um maior entendimento sobre o que vem a ser diferença, identidade, cultura, heterogeneidade, diversidade, etnia, entre outros aspectos que essa temática envolve. Para tanto, Morin (2009) afirma que é necessário conhecer as complexidades educacionais e entender o que elas são. Ainda, afirmamos que é necessária uma formação (inicial e continuada) calcada em teorias e práticas que nos possibilite atender às diversidades encontradas na sala de aula.

Considerações Finais

Por meio desta pesquisa foi possível perceber que a pretensão da reforma curricular do curso de Pedagogia da UESB de Itapetinga era de formar sujeitos inovadores e com essa proposta compreendemos o predomínio do discurso crítico e social de Paulo Freire e a intenção de superar os modelos de fragmentação do conhecimento.

Ao falar sobre diversidade, a proposta tem um discurso multiculturalista, em que propõe a convivência, o direito, a reivindicação e o diálogo com as diferenças. Porém pautar um currículo de formação docente num discurso multicultural corre o risco de conduzir o processo educativo ao reducionismo, pois diversidade é algo muito mais amplo, é complexo.

As ementas do curso falam sobre as diferenças nas suas especificidades, dividindo cada característica da diferença em gênero, deficiência, raça, idade e outras, nesse sentido pode haver uma exclusão, pois não se trabalha o todo (interdisciplinarmente), tão pouco a identidade, heterogeneidade, entre outros.

Este trabalho teve em uma das suas propostas conhecer a formação construída pelos alunos de Pedagogia da UESB durante seu ingresso e permanência na Universidade, no que concerne às diversidades encontradas na sala de aula. Nesse sentido, podemos afirmar que até o momento, o currículo novo não tem superado o antigo, pois as respostas de ambos têm se mostrado parecidas. O currículo anterior não atendia e o novo também não está atendendo à formação para a diversidade. Diante de tão alta insatisfação, faz-se necessário que a própria Instituição reflita sobre como vem formando estes futuros professores.

Portanto, não adianta mudar o currículo se não mudar a maneira de pensar e a prática. Nesse sentido, os formadores dos formadores precisam refletir sobre a indissociabilidade da teoria e da prática, pois a própria Universidade as tem separado, repercutindo nos profissionais que tem sido formado.

Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Portugal, edições 70, LDA, 2010.

BEZERRA, Paloma Oliveira. **Os significados educacionais na proposta da reforma curricular do curso de Pedagogia – UESB/Itapetinga**. Monografia (Graduação em Pedagogia): Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Itapetinga, 2010.

BRANDÃO, Carlo Rodrigues. **Identidade e etnia: construção da pessoa e resistência cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BRASIL. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

_____. **Resolução NE/CP nº 01 de 15/05/2006**, que institui os Parâmetros Curriculares Nacionais que define a atuação do pedagogo tendo como base a docência. 2006.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. Tradução de Heloísa Pezza Cintrão e Ana Regina Lessa. 4 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

CANDAU, Vera M. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. In: MOREIRA, Antonio Flávio; CANDAU, Vera M. (Orgs.). **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. 7 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, p.13-37, 2011.

DERMATINI, Zeila de Brito Fabri; ANTUNES, Fátima Ferreira. Magistério primário: profissão feminina, carreira masculina. In: CAMPOS, Maria Christina Siqueira de Souza; SILVA, Vera Lúcia Gaspar da (Orgs.). **Feminização do magistério: vestígios do passado que marcam o presente**. Bragança Paulista: EDUSF, 2002, p. 69-93.

- FRANCO, Maria Amélia R. Santoro. **Pedagogia e prática docente**. São Paulo: Cortez, 2012.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1989.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- LARROSA, Jorge. B. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**. Campinas-SP. n.19, jan./abril 2002, p. 20-29.
- MOREIRA, Antonio Flávio. Currículo: diferença cultural e diálogo. **Educação & Sociedade**, v. 23, n. 70, agosto de 2002. p. 15-38.
- MOREIRA, Antonio Flávio.; CÂMARA, Michelle J. Reflexões sobre currículo e identidade: implicações para a prática pedagógica. In: Antonio Flávio; CANDAU, Vera M. (Orgs.). **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. 7 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011, p.38-66.
- MORIN, Edgar. **A religião dos saberes: o desafio do século XXI**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2012.
- _____. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 16 ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2009.
- NASCIMENTO, Elisa Larkin. **O sortilégio da cor: identidade, raça e gênero no Brasil**. São Paulo: Summus, 2003.
- NOGUEIRA Solange Nascimento. **Etnopesquisa e interatividade na formação de professores: saberes docentes em rede**. Salvador: EDUNEB, 2012.
- PINTO, Maria das Graças Gonçalves. O lugar da prática pedagógica e dos saberes docentes na formação de professores. **Acta Scientiarum Education**. Maringá, v. 32, n. 01, 2010, p. 111-117.
- REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. 4 ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1995.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: HALL, Stuart; SILVA, Tomaz Tadeu da Silva **Identidade e diferença: perspectiva dos estudos culturais**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009, p. 73-102.
- VEIGA, Ilma Passos A. Docência como atividade profissional. VEIGA, Ilma Passos A. (Org.). **Profissão docente: novos sentidos, novas perspectivas**. Campinas -São Paulo: Papyrus, 2008, p. 13-21.
- WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis – RJ: vozes, 2009, p.7-72.

Recebido em 21 de janeiro de 2020.

Aceito em 19 de março de 2020.